



Correspondência aos Autores

Callyne De Moura Reis
 E-mail: callyne.reis@gfe.ufsb.edu.br
 Universidade Federal do Sul da Bahia
 CV Lattes
<http://lattes.cnpq.br/0851857528846124>

Débora Schmitt Kavalek
 E-mail: quimicadebora@hotmail.com
 Universidade Federal do Sul da Bahia
 CV Lattes
<http://lattes.cnpq.br/6262910510529338>

Submetido: 29 maio 2024
 Aceito: 06 set. 2024
 Publicado: 30 mar. 2025

 [10.20396/riesup.v12i00.8676766](https://doi.org/10.20396/riesup.v12i00.8676766)
 e-location: e026031
 ISSN 2446-9424

Checagem Antiplágio



Distribuído sobre



Ser mulher, professora e cientista: representação social de docentes do curso bacharelado interdisciplinar em ciências da UFSB

Callyne De Moura Reis  <https://orcid.org/0009-0008-4279-8563>

Débora Schmitt Kavalek  <https://orcid.org/0000-0002-9663-765X>

RESUMO

Introdução/Objetivo: a pesquisa busca investigar a representação social de professoras que fazem parte do quadro docente do curso de Bacharelado Interdisciplinar em Ciências (BIC) da Universidade Federal do Sul da Bahia (UFSB). **Metodologia:** a metodologia utilizada foi a Técnica de Associação Livre de Palavras (TALP). Pretendeu-se trazer sua representatividade e suas falas através do indutor: “ser mulher, professora e cientista”. **Resultados:** pode-se afirmar que a representação social das participantes está relacionada às suas vivências, dificuldades e aos significados de suas histórias. Reflete, tanto desafios, quanto uma forte capacidade de resistência, orgulho e redefinição de papéis, que contribuem para a busca por maior equidade e reconhecimento na ciência. As professoras apresentam uma trajetória marcada por adversidades, angústias, situações de falta de apoio, preconceito, machismo e luta para ter reconhecimento no ensino e na pesquisa. **Conclusão:** ao persistirem na ciência, na docência e na maternidade, as docentes evidenciam que ser mulher, mãe e cientista não são papéis conflitantes, mas complementares.

PALAVRAS-CHAVE

Mulheres na ciência. Machismo. Docência no ensino superior. História da ciência. Teoria das representações Sociais.

Being a woman, teacher and scientist: social representation of professors of the bachelor interdisciplinary of science course at UFSB

ABSTRACT

Introduction/Objective: the research aims to investigate the social representation of female teachers who are part of the teaching staff of the Interdisciplinary Bachelor's Degree in Science (BIC) at the Federal University of Southern Bahia (UFSB). **Methodology:** the methodology used was the Free Word Association Technique (FWA). The aim was to bring out their representativeness and their speeches through the inducer: "being a woman, a teacher and a scientist". **Results:** it can be said that the social representation of the participants is related to their experiences, difficulties and the meanings of their stories. It reflects both challenges and a strong capacity for resistance, pride and redefinition of roles, which contribute to the search for greater equity and recognition in science. The professors' careers are marked by adversity, anguish, a lack of support, prejudice, sexism and the struggle for recognition in teaching and research. **Conclusion:** by persisting in science, teaching and motherhood, they show that being a woman, a mother and a scientist are not conflicting roles, but complementary ones.

KEYWORDS

Women in science. Sexism. Higher education teaching. History of science. Theory of social representations

Ser mujer, docente y científica: representación social de los profesores del curso de bachillerato interdisciplinario en ciencias de la UFSB

RESUMEN

Introducción/Objetivo: la investigación busca investigar la representación social de las profesoras que forman parte del cuerpo docente del curso de Bachillerato Interdisciplinario en Ciencias (BIC) de la Universidad Federal del Sur de Bahía (UFSB). **Metodología:** la metodología utilizada fue la Técnica de Asociación Libre de Palabras (TALP). Se pretendió captar su representatividad y sus discursos a través del estímulo: "ser mujer, profesora y científica". **Resultados:** se puede afirmar que la representación social de las participantes está relacionada con sus vivencias, dificultades y los significados de sus historias. Refleja tanto desafíos como una fuerte capacidad de resistencia, orgullo y redefinición de roles, que contribuyen a la búsqueda de una mayor equidad y reconocimiento en la ciencia. Las profesoras presentan una trayectoria marcada por adversidades, angustias, situaciones de falta de apoyo, prejuicio, machismo y lucha por el reconocimiento en la enseñanza y la investigación. **Conclusión:** al persistir en la ciencia, la docencia y la maternidad, las docentes demuestran que ser mujer, madre y científica no son roles conflictivos, sino complementarios.

PALABRAS CLAVE

Mujeres en la ciencia. Machismo. Docencia en la educación superior. Historia de la ciencia. Teoría de las representaciones sociales.

CRedit

- **Reconhecimentos:** Não aplicável.
- **Financiamento:** Não aplicável.
- **Conflitos de interesse:** Os autores certificam que não têm interesse comercial ou associativo que represente um conflito de interesses em relação ao manuscrito.
- **Aprovação ética:** Não aplicável.
- **Disponibilidade de dados e material:** Não aplicável.
- **Contribuições dos autores:** Conceituação, Curadoria de Dados, Análise Formal, Metodologia, Investigação, Redação – rascunho original: Kavalek, D. S.; Reis, C. M.
- **Revisora gramatical e ABNT:** Diana Schmitt.

Editores de Seção: Luísa Haddad Labello, Maria de Lourdes Pinto de Almeida.

Introdução

A presença feminina na ciência é algo que remonta desde a antiguidade, sempre apresentando muitos desafios e preconceitos. Hoje, a representação feminina na ciência vem se destacando e percebe-se que as mulheres, cada vez **mais estão** ocupando os espaços acadêmicos com excelência. Mesmo assim, ainda existem algumas dificuldades no que se refere à mulher na Ciência, como preconceito, machismo, atribuições domésticas, desvalorização e a exclusão, que podem influenciar no seu desempenho e na sua trajetória acadêmica.

O interesse pelo tema despertou-se primeiramente pelo reconhecimento da representatividade do espaço acadêmico e pelo desejo em identificar qual a representação social das mulheres que compõem o quadro docente do Bacharelado Interdisciplinar em Ciências (BIC) da Universidade Federal do Sul da Bahia (UFSB), em relação ao seu lugar na Universidade, sendo mulheres e mães.

Segundo Schiebinger (2001) a ciência moderna é o resultado da exclusão de mulheres, que, historicamente, foram invisibilizadas, em razão do seu sexo, durante centenas de anos, sendo que o processo de encorajar mulheres à carreira científica exigiu e exige mudanças estruturais tanto na cultura, nos métodos, quanto nos conteúdos da ciência.

Chassot (2013) corrobora que a ciência é um construto humano, sendo falível e não detentora de dogmas, mas de verdades transitórias. Segundo o autor, a ciência não é neutra, muito menos os cientistas. Chassot ainda questiona: “Seria a ciência masculina ou masculinizada?” Durante muito tempo, as mulheres foram impedidas e excluídas de participar de ambientes que pregavam a racionalidade e praticavam as ciências exatas, pois havia a crença da fragilidade do gênero feminino, mais delicado e pertencente a ambientes de assuntos domésticos.

Mas isso não impediu que muitas mulheres lutassem contra essas crenças e culturas para garantirem seus lugares na ciência, algumas até mesmo assumiram um pseudônimo masculino por necessidade e construção de uma personalidade que sustentasse suas ideias. É o caso da cientista francesa Sophie Germain, uma matemática, física e filósofa que contribuiu para a teoria dos números e para a teoria da elasticidade. Ela foi impedida por seus pais de frequentar escolas, mas aprendeu sozinha a matemática. No começo da sua carreira, consciente das implicações machistas que enfrentava, usou um pseudônimo masculino em suas pesquisas para se perfazer com outros matemáticos. Deste modo, era uma forma de atribuir credibilidade aos seus estudos e contribuições (Sartori, 2006).

Essa foi uma das estratégias, dentre outras, adotada por mulheres, para conseguirem o respeito e exporem seus conhecimentos livremente, dando visibilidade às suas opiniões e estudos. Essa é uma das histórias, que não são poucas, de mulheres que venceram o

preconceito e romperam com os padrões de seus tempos, para se tornarem parte essencial em descobertas importantes na história da ciência.

Hoje, a presença de mulheres nos cursos universitários e nas pós-graduações é expressiva, desconstruindo a ideia da universidade como espaço masculino, através do processo de democratização. No Brasil, a partir da década de 1970, observa-se a maior participação da escolarização de mulheres que dos homens, revertendo, num curto período, o cenário de desigualdade histórica (Guedes, 2008).

Segundo Guedes (2008), a entrada das mulheres nas universidades é um marco das mudanças em curso na sociedade brasileira, conseguindo reverter o quadro de desigualdade histórica e consolidar uma nova realidade, em que são maioria. Guedes (2008) ainda enfatiza que o ensino universitário se sobressai no processo mais amplo de escolarização feminina, pois antes sempre esteve mais relacionado à aquisição, não apenas de habilidades para o mercado de trabalho, mas também de novos valores e práticas. O direito de saber é muito importante na luta das mulheres pela igualdade de gênero.

Já de acordo com Priore (1998), deve-se identificar a mulher em cada lugar observável, nomeá-la, reconhecê-la e compreender em que circunstâncias ela foi espoliada na sua relação oficial com o mundo masculino.

Nos dias atuais, em consonância com Félix, Cirino e Medeiros (2020), encontram-se resquícios de um desenvolvimento científico que reservou ao gênero masculino um papel predominante, tomando as experiências hegemônicas masculinas europeias como universais, que atribuem ao homem as características de força, razão, determinação, necessárias à ciência, e distanciamento das características dóceis e maternais atribuídas às mulheres.

Assim, o presente estudo nasceu do desejo de conhecer a representatividade de 13 professoras, que fazem parte do quadro docente do curso BIC da UFSB, investigando a representação social do significado de “ser mulher, professora e cientista”. Partiu-se da premissa que as representações sociais das mulheres estão relacionadas às suas vivências, às suas dificuldades e aos significados de suas histórias.

A Teoria das Representações Sociais (TRS), segundo Moscovici (2005), tem por objetivo constituir universos consensuais nas esferas das quais as representações são construídas. Essas representações teóricas auxiliam na construção da identidade de um grupo. A TRS tem sido utilizada recorrentemente em temas que são discutidos de maneira ampliada em nossa sociedade contemporânea. De acordo com Moreira e Miranda (2019), a TRS possui uma perspectiva interdisciplinar de grande importância na compreensão e circulação de pensamentos que orientam as ações da vida dos sujeitos na sociedade, abordando sua dimensão histórica, conceitual e sociocultural.

Invisibilidade da mulher na ciência

A problemática nos estudos de gênero e as intersecções com as categorias socioculturais como etnias, raça, classe, sexualidade, entre outras, evidencia que as mulheres vêm sofrendo pressões, discriminações e abusos socioculturais distintos no decorrer da história (Louro, 2008). Isto deixa claro que o gênero é uma construção social e cultural permeada pelas relações de poder que resulta na desigualdade dos gêneros (Scott, 1995; Louro, 2003).

No mundo todo, mulheres tiveram maiores dificuldades na entrada e acesso às instituições escolares e universidades, em comparação aos homens, em um processo lento e gradual. No século XIX o número de matrículas femininas no ensino superior francês começou a crescer, mas as mulheres procuravam mais pelos cursos de artes e letras do que especificamente as ciências naturais (El Jamal; Guerra, 2022).

Beltrão e Alves (2009), discutem que, no Brasil, o vazio do gênero feminino na educação começou a mudar ao longo do século XX. No entanto, apesar da iniciativa de mudança, ainda persiste uma errônea ideia social que “descreve” e “caracteriza” as mulheres como inferiores para assumirem quaisquer posições. Hoje vemos na literatura o começo de uma representatividade, com exemplos de mulheres excepcionais que, possivelmente, podem inspirar outras mulheres, como é o caso de Marie Curie. Sob essas observações, entendemos que Marie Curie é uma mulher “visível” na ciência e sua visibilidade transpõe a invisibilidade de outras mulheres. O recorrente exemplo de Marie Curie está presente no ensino em ciências, sendo bastante conhecida por professores e estudantes da área devido à sua excepcionalidade (El Jamal; Guerra, 2020).

Entretanto, Schiebinger (2001) declara que, usar como exemplos, mulheres em condições excepcionais para incentivar a participação de outras mulheres na ciência, é insuficiente, podendo-se afirmar que é superficial, pois são necessários exemplos e vidas reais. A autora ainda afirma que indicar esses exemplos excepcionais não revelam como a ausência de mulheres na ciência está relacionada ao patriarcado, nem como mudanças na estrutura das instituições científicas são necessárias para que a situação mude.

Schiebinger (2001) sugere que não é apenas incentivar as mulheres para reverter o problema de suas baixas representações na ciência, mas olhar para o problema da desproporcionalidade entre o número de mulheres cientistas e número de mulheres que buscaram fazer ciência e estão fora da área. Aliado a isso, El Jamal e Guerra (2022) nos revelam quais foram as possíveis condições necessárias para que Marie Curie participasse das práticas científicas. As autoras nos permitem pensar e analisar a respeito do baixo número de exemplos utilizados de mulheres que atuam nas ciências, já que a ausência de condições exclui da história da ciência uma ampla maioria de mulheres, mas elas existem. Logo,

considera-se importante a visibilidade, não apenas de Curie, mas de outras mulheres na ciência.

Parafraseando Harding (2015), “a limitada presença de mulheres na ciência é decorrência também das questões estruturais nas quais a ciência é coproduzida historicamente”. Saffioti (2015) ressalta que o patriarcado é o regime da dominação e exploração das mulheres pelos homens e, de acordo com Cordeiro (2020), a família é a base sociológica do patriarcado, visto que é na família que os membros performam seus papéis sociais na sociedade patriarcal.

Entretanto, o patriarcado não abrange apenas a família, mas atravessa a sociedade e o estado. Apesar de focar na diferença dos sexos, o patriarcado também engloba as questões de raça e classe nas relações políticas, ou seja, as mulheres estão em condição de dominação e exploração, seja pelo gênero, raça ou classe, assim performando a masculinidade e padronização do ser humano (homem). Esse pensamento é advindo da forte influência das religiões expressando nitidamente sua misoginia (Chassot, 2004).

A formação superior de mulheres na ciência no Brasil

Segundo os resultados do Censo da Educação Superior, divulgado pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep) e pelo Ministério da Educação (MEC) em 2020, a maioria das matrículas no Ensino Superior é de mulheres, contemplando 63,1% das matrículas. Já em cursos de licenciatura, 72,8% dos alunos matriculados são mulheres. Em relação à taxa de desistência, o sexo masculino está na frente, apresentando, ao final do segundo ano de curso, um índice de desistência de aproximadamente 30% desde 2010, diferentemente das mulheres que possuem uma taxa de conclusão maior do que a dos homens, sendo 43% a 35%¹.

Embora sejam responsáveis pelo maior número de ingressos, matrículas nos cursos de graduação no Brasil, ainda há o impasse das políticas públicas e ações em busca da equidade de gênero no ensino superior que, infelizmente, ainda é incipiente para garantir a permanência e sucesso das mulheres nos ambientes (Pinto; Amorim; Carvalho, 2016). Segundo dados da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco, 2023), a formação de mulheres na ciência representa a porcentagem média de 33,3% dos cientistas do mundo. Somente 35% do total de estudantes matriculados em cursos de Ciência, Tecnologia, Engenharias e Matemática, são mulheres².

¹Fonte de referência: <https://www.gov.br/inep/pt-br/areas-de-atuacao/pesquisas-estatisticas-e-indicadores/censo-da-educacao-superior>.

²Fonte de referência: Relatório Anual da UNESCO no Brasil. Publicado em 2023 pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura, 7, Place de Fontenoy, 75352 Paris 07 SP, France, e pela Representação da UNESCO no Brasil. Disponível em: https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000384818_por.

No entanto, a que se devem essas situações de desigualdade nas ciências? O que empata a presença e participação integralmente das mulheres às posições de destaque? Viennot (2004) questiona e discute porque o mercado seria fechado às mulheres, visto que não há nenhuma razão, nem lógica, que impeça as mulheres de terem e estarem numa profissão intelectual. O autor argumenta que as profissões intelectuais não apresentam nenhum perigo e não exigem nenhuma força física sequer, para serem restringidas às mulheres. As atividades intelectuais demandam de inteligência, memória, gosto pelo estudo, sendo qualidades que as mulheres possuem, tanto quanto os homens.

Todavia, as respostas para esses questionamentos não são tão simples de serem respondidas, pois, há diversos contextos a serem levados em consideração. Velho (2006) argumenta sobre as trajetórias e estratégias que as mulheres na ciência tiveram/têm para driblar os obstáculos no caminho, que não são poucos, no processo de construção de suas vidas e carreiras. De acordo com o autor, ao optar pela carreira científica, a mulher se depara com vários conflitos: maternidade, família, atribuições domésticas e vida acadêmica. Muitas acabam optando pela família, outras pela academia, algumas até tentam combinar as duas, tendo que se desdobrar para dar conta de múltiplas tarefas e ainda conviver com a consciência duplamente culposa: por não se dedicar mais aos filhos e por não ser tão produtiva quanto gostaria.

Estébanez (2004) revela a lógica tradicional “meritocrática”, podendo ser usada como resposta a esses questionamentos. Essa lógica considera que cada indivíduo está na posição que merece, de acordo com o esforço empregado, dedicação e capacidade individual, como se a ciência fosse um mero resultado de “saberes descorporizados”, não tendo gênero, etnia, raça, classe social, país de origem, dentre outros elementos que compõem o indivíduo. Esse pensamento, infelizmente, faz parte da sociedade atual, no qual existe uma parcela da população que compartilha dessa ideia, contrapondo-se ao verdadeiro conceito do que é ciência, que advém de saberes corporificados (Haraway, 1995).

As mulheres transformam-se, muitas vezes, em rivais potenciais dos homens (Kovaleski; Tortato; Carvalho, 2013). Apesar de os estudos sobre gênero na ciência serem relativamente novos, sua relevância é crucial para a construção do presente e desempenho do futuro. Afinal, mesmo com todas as dificuldades, as análises de gênero na ciência têm mostrado que as mulheres estão participando com excelência no âmbito científico, portanto, se explica o sentimento de rivalidade, assim como existem mulheres que são rivais de outras mulheres também.

Tabak (2002) discute sobre as ações necessárias para a inserção das mulheres na ciência moderna, visto que a sociedade brasileira, assim como o mundo, carece dessa participação em certos campos da ciência. De acordo com a autora, **nos** “cursos masculinizados”, durante os anos da graduação, as mulheres não recebem estímulos, seja para

estarem na graduação ou até mesmo para realizarem pesquisas, tendo que frequentar um ambiente altamente hostil. Para Tabak (2002), é viável modificar os currículos da Educação Básica e do Ensino Superior, assim como os métodos pedagógicos, a fim de induzir as mulheres a se reconhecerem como pertencentes ao campo da ciência.

Félix, Cirino e Medeiros (2020) reconhecem que a luta por reconhecimento da mulher-pesquisadora brasileira nos espaços intelectuais é difícil, devido à supremacia do discurso masculino-europeu, que produz silenciamentos das vozes femininas. Os autores entendem que é importante considerar a construção histórica de cada área de formação que se configuram como áreas de cunho masculino e/ou feminino.

Mesmo no século XXI. Ainda persiste a luta das mulheres, professoras e cientistas e também das educandas, pelo reconhecimento social nas universidades públicas, sendo que a questão precisa ser mais profundamente discutida, pois os mecanismos de segregação ainda estão presentes no ambiente acadêmico. Esses gestos, para Félix, Cirino e Medeiros (2020), produzem processos de subjetivação que requerem atenção contínua para evitar que a presença das mulheres, apesar de numerosa nas Instituições de Ensino Superior, continue sendo desvalorizada de forma velada, sendo percebida como algo menor dentro dessas instituições.

Entretanto, em relação ao conhecimento científico, pode-se compreender com Harding (2010) que o mesmo ocorre em diferentes formas e instâncias, tendo como único objetivo a legitimação do conhecimento do senso comum. Porém, existe um conjunto de valores que influenciam na elaboração desse conhecimento, uma vez que a ciência é um empreendimento humano, sendo desenvolvido por cientistas, mulheres e homens, que estão inseridos numa sociedade de cultura androcêntrica.

Teoria das Representações Sociais

A Teoria das Representações Sociais (TRS) tem como principal teórico o psicólogo social Serge Moscovici. Segundo o autor, representação social é “uma modalidade de conhecimento particular tendo a função de elaboração dos comportamentos e da comunicação entre os indivíduos” (Moscovici, 2012, p. 27). Para Moscovici (2012), as representações sociais (RS) não são elementos mediadores entre as características ambientais e ações comportamentais, mas sim a realidade que se apresenta aos indivíduos sociais. O autor propõe, com seus estudos, que as RS podem ser analisadas como ciência, pois tudo o que percebemos do mundo são respostas a estímulos do ambiente no qual vivemos.

Segundo Moscovici (2005) a TRS tem por objetivo constituir universos consensuais nas esferas das quais as representações são construídas. Essas representações teóricas auxiliam na construção da identidade de um grupo. A TRS tem sido utilizada recorrentemente

em temas que são discutidos de maneira ampliada em nossa sociedade contemporânea. Tal como, para Moreira e Miranda (2019), a TRS possui uma perspectiva interdisciplinar de grande importância na compreensão e circulação de pensamentos que orientam as ações da vida dos sujeitos na sociedade, abordando sua dimensão histórica, conceitual e sociocultural.

Já de acordo com os estudos de Bertoni e Galinkin (2017), uma das funções das RS é “convencionalizar” os objetos, pessoas ou acontecimentos que encontram, os localizando em uma determinada categoria, e colocando como modelo de um determinado grupo de pessoas. Assim, estamos todos envolvidos em experiências, linguagem ou cultura que são impostos por representações do grupo ao qual pertencemos. Deste modo, para os autores, as RS devem ser vistas como uma maneira específica de compreender e se lidar com a memória de um grupo.

Arruda (2012) aborda sobre as afinidades entre teorias emergentes como, por exemplo, a teoria feminista e a teoria das representações sociais que, portanto estão na relação com o real e da construção do conhecimento científico através dessas e de outras teorias emergentes. É dessa forma que elas externalizam e obrigam a revisão de velhas aquisições, trazendo uma perspectiva e visualização diferente diante dos problemas e, assim, desestabilizando antigas verdades. Tal como a teoria feminista, a teoria das RS estampa o mesmo empenho desconstrucionista frente aos problemas humanos.

A teoria feminista vai visibilizar facetas desconhecidas até então ao descortinar a situação das mulheres, tanto com relação a problemas já identificados quanto a outros, que estavam por abordar. A TRS vai observar e investigar as facetas do conhecimento humano que são omissas, reconhecendo e valorizando o saber do senso comum, o ambiente consensual das interações e conversações cotidianas e a tradução da realidade das pessoas “comuns” por meio de sua criatividade. Consequentemente, mediante a sua vasta amplitude, encontramos essa teoria em todas as áreas das ciências humanas e naturais, bem como aplicadas à saúde, à educação, e ao meio ambiente, evidenciando seu potencial para compreender problemas de diversas áreas.

As representações sociais de gênero são construídas culturalmente e definem quais serão os lugares em que homens e mulheres estarão na sociedade (Louro, 2008). Heerdts e Batista (2017) destacam que, na ciência e no ensino de ciências, essa representação se encontra de maneira complexa e naturalizada, reafirmando preconceitos e discriminações. Segundo os autores, na perspectiva crítica feminista, a produção do conhecimento científico revela a desigualdade de mulheres na ciência e nos cargos de decisão.

Carlone *et al.* (2015) apontam que as questões sobre a participação de mulheres na ciência estão relacionadas intrinsecamente com a forma com que as mulheres se identificam no campo científico. Portanto, a forma como as mulheres se sentem representadas pelos indivíduos que fazem ciência e se reconhecem como cientistas, são elementos que indicam e influenciam escolhas, ou não, pela carreira científica. Para Carlone *et al.* (2015) a identidade é fundamental para que as mulheres participem da ciência, visto que se sentem pertencentes e confortáveis.

Metodologia

A presente pesquisa tem caráter descritivo e abordagem qualitativa, sendo que, de acordo com Lüdke e André (2014), compreende-se como pesquisa qualitativa (ou naturalística), a obtenção de dados descritivos que são adquiridos entre o contato direto do pesquisador com a situação estudada. A pesquisa qualitativa evidencia mais o processo do que o produto, se preocupando em representar a subjetividade dos participantes.

Para Casarin e Casarin (2012), “independentemente do título e do tema pesquisado, os objetivos de uma pesquisa qualitativa envolvem a descrição de certo fenômeno, caracterizando sua ocorrência e relacionando-o com outros fatores” (Casarin; Casarin, 2012, p. 33). Portanto, relacionam-se o objeto e o contexto, com a intenção de colaborar e esclarecer o que se pesquisa.

Parte-se da premissa de que as representações sociais das mulheres estão relacionadas às suas vivências, dificuldades e aos significados de suas histórias. Dentro dessa perspectiva, nosso olhar volta-se para as mulheres atuantes no curso de BIC dos Campi Jorge Amado (CJA), Sosígenes Costa (CSC) e Paulo Freire (CPF), da UFSB.

O curso de Bacharelado Interdisciplinar em Ciências (BIC) tem como objetivo oferecer formação geral humanística, científica e artística no campo das ciências, de modo interdisciplinar, permitindo inserção abrangente e multidimensional no mundo do trabalho ou posterior formação profissional, ou ainda ingresso em cursos de pós-graduação (UFSB, PPC, 2016).

A metodologia utilizada na pesquisa foi a Técnica de Associação Livre de Palavras (TALP ou ALI), que, de acordo com estudos de Coutinho e Bú (2017), faz parte das chamadas técnicas projetivas, orientada pela hipótese de que a estrutura psicológica do sujeito torna-se consciente por meio de manifestações de condutas, reações, evocações, escolhas e criação. Neste estudo, realizado no ano de 2022, utilizamos a sigla TALP para nos referirmos à Técnica de Associação Livre de Palavras.

A TALP surgiu no âmbito clínico no início do século XX e hoje está sendo utilizada em pesquisas, com ênfase nos estudos das Representações Sociais (RS). Diferentemente do uso da TALP com objetivos clínicos, no campo da pesquisa, os estudiosos que trabalham com as RS visam identificar as dimensões latentes destas, por meio da configuração dos elementos que constituem a trama ou rede associativa dos conteúdos evocados em relação a estímulos indutores.

A TALP foi efetivada com professoras que atuam no BIC, na UFSB. Em um primeiro momento, foram identificadas, no corpo docente, 13 professoras atuantes no BIC, através do site da UFSB, sendo encaminhado, via e-mail, um formulário elaborado no Google

Formulários com a seguinte mensagem: “Escreva, utilizando preferencialmente palavras, enumeradas por ordem de importância, que significado tem para você a expressão: “ser mulher, professora e cientista”. A TALP visou fazer emergir dessas mulheres, associações livres relativas às palavras que remetem à sua trajetória como mulher, cientista e professora.

Coutinho e Bú (2017) destacam que o pesquisador deve preparar a folha de respostas com espaços numerados em sequência, preservando o critério de ordem de aparecimento das respostas, procedimento necessário, sobretudo, para identificação da estrutura cognitiva, assim como na investigação dos esquemas cognitivos de base. Nesses casos, é solicitado ao entrevistado que se enumere, por ordem de importância, suas respostas, ou que justifique a escolha das respostas. Outro aspecto fundamental que deve ser ressaltado pelo pesquisador ao orientar os atores sociais é relativo ao tempo: quanto mais rápida for a resposta, melhor o resultado.

A questão padronizada para aplicação da técnica consiste em solicitar ao(s)entrevistado(s): “Se eu lhe digo “X”, o que vem à sua mente? Dê-me “X” palavras que, para você, caracterizam “X” (Coutinho & Bú, 2017). É importante nunca pedir que seja definido um objeto pelo fato de induzir o entrevistado a construções associativas abstratas, se considerarmos que as RS devem ser apreendidas em sua materialidade no processo de objetivação.

A questão (indutor) que orientou o uso dessa técnica foi: “Escreva, utilizando preferencialmente palavras, enumeradas por ordem de importância, que significado tem para você a expressão: “ser mulher, professora e cientista”. Foi enviado via formulário e solicitado às professoras que preenchessem com cinco ideias ou palavras que estavam associadas às suas lembranças ao visualizar a expressão. A partir disso, as mulheres associaram frases e explicaram as ideias associadas ao indutor.

Os dados foram analisados, tendo como subsídio a análise de conteúdo de Bardin (1977) e Freitas (2017), adequada ao estudo das motivações, atitudes, valores, crenças e tendências das mulheres entrevistadas. Esse método permite explorar as relações que as entrevistadas mantêm com os objetos, pessoas e fenômenos, relações estas que remetem para as RS. Os dados levantados foram analisados a partir da categorização dos resultados.

Logo após analisar e categorizar os dados, os mesmos também foram organizados através de uma “Nuvem de Palavras” por meio do uso do recurso tecnológico *WordArt*, um programa online, com base no número de menções feitas no TALP. Segundo Silva e Araujo-Jorge (2019), Nuvens de Palavras são recursos gráficos que representam frequências de palavras utilizadas em um texto. Por meio de algoritmos é possível construir imagens formadas por dezenas de palavras cujas dimensões indicam sua frequência ou relevância temática. A Nuvem de Palavras foi empregada com o propósito de enriquecer a análise da RS das mulheres.

Em conformidade com a Resolução n.º 196/96 sobre pesquisa envolvendo seres humanos do Conselho Nacional de Saúde, foram garantidos o sigilo e anonimato às entrevistadas. Para tanto, a identificação das mulheres participantes foi representada pela letra M seguida de um numeral. Sua adesão foi estritamente voluntária. Com essa finalidade, foi solicitada às mesmas a leitura e, no caso de aceitação, a assinatura de Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

A representação social das docentes que atuam no BIC

As respostas das participantes, após serem analisadas, foram divididas em três categorias, pois ficou evidente em suas manifestações: as dificuldades e desvalorização por ser docente; o orgulho por ser professora, mãe e mulher e, por fim, os desafios por questões de gênero.

Primeira dimensão: Dificuldades por ser docente

A dimensão das representações sociais das docentes que atuam no BIC evidenciada pelas “dificuldades por ser docente”, é visível na fala das professoras:

- *“Apesar das dificuldades enfrentadas devido às atitudes do atual governo e falta de reconhecimento da profissão...” (M4).*
- *“...um desafio imenso diante do baixo investimento, prioridade e valorização desta profissão por parte do governo vigente e da sociedade” (M10).*

Pelas respostas colhidas na TALP, percebe-se que a falta de valorização, pouco incentivo à formação de docentes, assim como a falta de incentivo à formação continuada, más condições de trabalho, desrespeito, etc, são elementos que colaboram para que as docentes se sintam abandonadas, podendo esgotar o amor pela profissão, transformando em desencanto e frustração.

Para Nancy Fraser (2012), existe uma injustiça cultural que requer mudanças de comportamentos, a partir da redistribuição, como descreve a autora. Entende-se como redistribuição, parte de um processo que avalia identidades desprezadas, resultando no reconhecimento e valorização de uma diversidade cultural e, possivelmente, a mudança de uma percepção que cada indivíduo tem de si mesmo e do grupo ao qual faz parte. Essa redistribuição permite reconhecer cientistas mulheres que têm suas identidades invisibilizadas e desprezadas, movimentando discursos, as relações sociais e socioeconômicas, considerando suas multiplicidades a que são submetidas.

É urgente perceber qual a posição de mundo que essas mulheres ocupam, isso porque, de acordo com Hodson (2010), sem a consciência crítica de suas posições no mundo, não há motivação para as ações sociopolíticas. Para Hodson (2010) é preciso um preparo e ensino que adéquam jovens para ações sociopolíticas. Nesse caso, uma educação que não exclua, mas que vise e priorize a representatividade de mulheres na ciência, possibilitando compreender em diferentes óticas sobre as condições históricas da presença feminina na ciência.

Segunda dimensão: Alegria, orgulho em ser mulher, professora e cientista

Apesar de toda a falta de apoio para permanecerem na ciência, fica visível, nas respostas da TALP, a superação e orgulho das docentes pelas suas conquistas acadêmicas. A dimensão das representações sociais das docentes que atuam no BIC evidenciada pela “alegria por ser mulher, cientista e docente”, é visível na fala das professoras:

- *“...E ainda vem o mais importante para mim em ser mulher, que é ter tido a realização em ser mãe. Ser professora é alegria. Ser pesquisadora é satisfação” (M3).*
- *“Eu tenho muito orgulho da minha trajetória...” , “...venho ocupando meu espaço, destacando sempre o nosso papel e quanto ele é importante para a formação dos indivíduos” (M4).*
- *“É gratificante, enquanto mulher negra, fazer parte do processo de ensino e aprendizagem em nosso país, uma vez que nós, mulheres, por muito tempo, éramos vistas como reprodutoras e donas de casa. Ser professora e pesquisadora é dizer à sociedade que o lugar da mulher é onde ela quiser estar. Sinto-me orgulhosa em ser professora, fazer ciência e incentivar outras mulheres a ocuparem esses espaços” (M6).*
- *“Ato de resistência e amor a ciência e educação!” (M7).*
- *“Significa orgulho e resistência” (M8).*
- *“Sentimento de poder, alegria, superação, amor...” (M12).*
- *“Ainda assim, olhamos nossas alunas e percebemos que, se nos mantivermos fortes, o futuro pode ser melhor. Mulheres podem ocupar mais espaços e nossa persistência não será em vão” (M13).*

Nesta dimensão, percebemos que, apesar de todas as problemáticas que surgem na trajetória dessas mulheres - assim como de outras - há um ponto positivo, afeto e esperança

em ser mulher, cientista e professora. Surge o sentimento de reconhecimento de que as mulheres podem. Da mesma forma que podem ser e estar onde quiserem, e não é o seu sexo que determinará e impedirá do contrário.

Félix, Cirino e Medeiros (2020) reconhecem que as mulheres lutam por reconhecimento, enquanto seres pensantes, dotadas de racionalidade e memórias, e por isso trocam sentidos e significados nas interações e produções.

Terceira dimensão: Dificuldades por ser mulher

A dimensão das representações sociais das docentes que atuam no BIC evidenciada pelas “dificuldades por ser mulher”, como preconceito, machismo, busca por reconhecimento, resistências, é visível na fala das professoras:

- *“Desespero, muito difícil, uma luta diária contra tudo e contra todos! Não levadas a sério, não ouvidas, não financiadas” (M1).*
- *“Sentimento de luta, resistência, obstáculos, machismo e preconceito” (M2).*
- *“Me vem na mente diretamente a palavra superação” (M3).*
- *“...fui minoria nos espaços acadêmicos que frequentei mas com muita determinação alcancei meu objetivo que foi me tornar professora de uma Universidade Federal...” (M4).*
- *“... Ser mulher em uma sociedade machista não é fácil, entretanto venho ocupando meu espaço...” (M4).*
- *“Luta diária para ter sua voz escutada. Mostrar 10 x mais trabalho em comparação com os homens para se tornar relevante e aceita” (M5).*
- *“Superação. Escolhi esse sentimento devido à minha trajetória como docente, mãe e pesquisadora de uma Universidade Federal. Mãe de 3 filhos, foi muito difícil a caminhada. E olhando para trás percebo que não foi fácil a caminhada, uma vez que as cobranças são as mesmas para todos os servidores e o sofrimento é maior para quem é mãe e não tem apoio nenhum da instituição” (M9).*
- *“Um desafio diário em um planeta dominado pelo patriarcado...” (M10).*
- *“...sentimento de sofrimento” (M12).*

- *“É um desafio diário ocupar um ambiente predominantemente machista e a ciência é machista. Mulheres são cíclicas, sensíveis, empatas, qualidades que são encaradas como fragilidades e nos condicionam a um julgamento diário. Se a mulher não está em um bom momento é logo rotulada por estar de ‘TPM’. se engravidamos e diminuimos a produtividade questionam porque não largamos e cuidamos ‘da casa’, se erguemos a voz em defesa de nossos espaços e direitos somos loucas histéricas. E nesses espaços ainda somos obrigadas a nos calar diante do olhar intimidador ou da voz alterada dos líderes homens que ainda são maioria, mesmo em nossa instituição. Se quisermos nos equiparar a eles, precisamos abrir mão de nossa humanidade e então nos submetemos a jornadas duplas, triplas, ao esgotamento físico, mental e emocional...”(M12)*

Percebe-se ainda respostas bem amplas, justificando a ideia, o sentimento e percepção individual, assim como outras respostas utilizando apenas palavras. Nesse caso, não se delimitou, deixando aberto para que as entrevistadas argumentassem sua(s) resposta(s).

Silva (2005) também discute que a identidade é o diferencial no meio científico, pois são produzidas socialmente e culturalmente, e se relacionam em meio às relações de poder. Entender que as identidades são construídas na relação com outras identidades e com as diferenças, é entender a formação de oposições duplas, dentro de uma lógica em que um polo é considerado positivo e o outro negativo, sendo o primeiro par, a referência do discurso legitimado. Nas oposições que se estabelecem o pensamento moderno, o homem é considerado a referência e a mulher é apresentada como o "outro", o oposto do homem. Na ciência, a mulher é esse "outro" (par negativo), já que, o sujeito do conhecimento tem sido o homem (par positivo) e, logo, as características e inteligência necessárias e reconhecidas para fazer ciência são as ditas masculinas, evidenciando uma ótica errônea.

Segundo Motta (2011), os estereótipos de gênero fortalecem as relações assimétricas, hierárquicas e principalmente de poder, dentro do marco da heteronormatividade, veiculando a “necessidade” de distinção e complementaridade entre os sexos. A construção do sujeito ocorre em meio a relações de poder, que segundo Foucault (2006), é um poder constituído por muitas relações de força, disseminado pela sociedade de forma difusa, exercendo em uma rede que os indivíduos são sujeitos.

Foucault (1995, p. 235) descreve o que é ser sujeito em sua percepção, que significa estar “sujeito a alguém pelo controle e dependência, e preso à sua própria identidade por uma consciência ou autoconhecimento”, sugerindo uma forma de poder que subjuga e o torna sujeito. Mas os sujeitos são indivíduos discursivos, que vão desde os processos de objetivação que constituem como corpos submissos, úteis e produtivos, aos processos de subjetivação, que os tornam sujeitos de identidade própria. Baseado nisso, podemos refletir sobre a identidade própria de cada mulher em questão, inserida num mesmo ambiente e transpondo sua subjetividade.

A Figura 1 representa uma Nuvem de Palavras, com as ideias coletadas nos formulários respondidos pelas professoras, com a TALP utilizando o indutor: “Escreva, utilizando preferencialmente palavras, enumeradas por ordem de importância, que significado tem para você a expressão: ser mulher, professora e cientista”. As menções mais repetidas foram organizadas, em várias cores e tamanhos, com base no número de menções coletadas na TALP.

Figura 1. Nuvem de palavras com as ideias coletadas na TALP



Fonte: Elaborado pelas autoras (2024)

Considerando as respostas mais evidenciadas na técnica TALP, a ideia que mais se destacou foi a “falta de apoio” às mulheres na Universidade. A palavra “desafio” foi o segundo ponto mais destacado na nuvem, revelando que as mulheres, muitas vezes, enfrentam barreiras para alcançar um reconhecimento igualitário. Embora o número de mulheres nas universidades tenha aumentado, as mesmas ainda enfrentam a discriminação e desvalorização, muitas vezes de forma sutil. Isso pode incluir a falta de reconhecimento, oportunidades limitadas de financiamento e promoção. Muitas mulheres necessitam equilibrar a carreira acadêmica com outras responsabilidades, como domésticas e familiares, o que pode limitar seu tempo e energia para se dedicar à pesquisa, afetando seu progresso na carreira.

Em contrapartida, chamou a atenção a palavra “resistência”, evidenciando que as docentes enfrentam preconceitos e desvalorização nesse ambiente, muitas vezes hostil, para ocuparem seus espaços e serem reconhecidas na academia e na sociedade em geral. Infelizmente, o ambiente acadêmico pode ser um local de várias formas de violência de gênero, o que prejudica o bem-estar e desenvolvimento profissional das mulheres.

De acordo com Kovaleski *et al.* (2013), a história nos apresenta que a natureza não fez as mulheres inferiores aos homens; as mulheres possuem a capacidade e o talento de participarem ativamente no campo científico. Afirma-se que a desproporção de gênero é consequência da repressão cultural sofrida pelas mulheres. Ao longo da história, pelas biografias de mulheres cientistas, independente do que tenham feito ou descoberto, raramente não encontraram dificuldades, preconceitos, desvalorização, insultos e até mesmo perseguição devido ao seu sexo.

Constata-se também que, por mais que houvesse obstáculos encontrados, o número de mulheres na ciência em todas as épocas é relativamente grande. O que é absolutamente equivocado e injusto acreditar que o progresso científico e tecnológico aconteceu sem a presença de mulheres. Ainda de acordo com Kovalesski *et al.* (2013) podemos afirmar que um dos maiores obstáculos para com as mulheres foi a negação de instrução e direitos. Investigar e resgatar a participação histórica das mulheres na ciência e tecnologia nos permite entender que a suposta incompatibilidade e desproporcionalidade das mulheres na ciência é devido à ideia e à imagem que fazemos da ciência, sendo que na maior parte é sacralizada pelos próprios cientistas.

As mulheres podem assumir seu lugar na docência e na ciência, sem deixar oculto o seu jeito de ser. Podem ser do jeito que quiserem, em todos os aspectos, e também, indispensavelmente devem fazer parte das variadas esferas da sociedade e conhecimento, sem se contrapor a um modelo pré estabelecido, uma vez que as características de uma mulher não correspondem à sua capacidade de fazer e estar na ciência.

Considerações finais

O estudo realizado objetivou investigar a representação social de professoras que fazem parte do quadro docente do curso de Bacharelado Interdisciplinar em Ciências (BIC), da UFSB, a respeito do indutor “ser mulher, professora e cientista”. Partiu da preocupação com o fato de que as mulheres, em pleno século XXI, ainda enfrentam formas sutis de discriminação e desvalorização. Isso pode incluir, desde a falta de reconhecimento por seu trabalho, oportunidades limitadas de promoção e financiamento, até o assédio sexual e outras formas de violência.

Nesse sentido, buscamos investigar, entender e valorizar a representação social das professoras do BIC, UFSB, mobilizando sua fala, suas palavras, lembranças, que constituem sua representatividade enquanto mulheres, professoras e cientistas. Ao final, entendeu-se que “ser mulher, professora e cientista” é uma situação desafiadora.

Três dimensões ou categorias, bem visíveis, emergiram da TALP, evidenciando a representação social das 13 professoras no espaço acadêmico, que carregam, tanto desafios e conflitos, como a superação de obstáculos, resistência, amor, alegria e orgulho por ser mulher, mãe, professora e cientista.

Em suas respostas, as participantes destacaram a falta de valorização, as más condições de trabalho, o desrespeito e a falta de incentivo à formação docente como principais desafios enfrentados. Esses fatores contribuem para o desencanto e frustração com a profissão, levando à sensação de abandono.

Apesar dos desafios, as docentes expressam orgulho por suas conquistas, destacando a alegria de serem mães, professoras e cientistas. Elas veem suas trajetórias como atos de resistência e inspiração para outras mulheres, afirmando que o lugar da mulher é onde ela quiser estar.

Quanto às questões de gênero, as participantes relatam enfrentarem preconceito, machismo e a necessidade de lutar por reconhecimento. Elas descrevem sua trajetória como enfrentamentos diários em uma sociedade machista, em que precisam provar sua capacidade continuamente, enfrentando jornadas exaustivas e desafios adicionais por serem mulheres e, muitas vezes, mães. Assim, entende-se que a representação social das participantes sobre “ser mulher, mãe e cientista” está relacionada às suas vivências, dificuldades e aos significados de suas histórias.

A mulher possui múltiplas facetas e uma condição a qual a torna mulher, a sua multi singularidade. Portanto, é digna de estar onde quiser e se sentir confortável, seja ela na condição de mulher, branca, preta, parda, amarela e indígena; solteira, acompanhada, casada, divorciada, viúva; mãe ou não; empregada de carteira assinada, desempregada, trabalhadora autônoma, do lar, dentre outras condições.

Abriu-se, com a pesquisa, um espaço mais amplo para discussão, pois conhecer e tornar visível a trajetória e a representação social de mulheres no mundo da ciência é importante, contribuindo para a criação de ações e estratégias que tenham como objetivo a participação equitativa entre mulheres e homens na ciência.

Por fim, é preciso inspirar e atrair jovens cientistas, independente dos diferentes fatores sociais, sejam estes de gênero, identidade de gênero, orientação sexual, deficiências, classe social, etnia, raça, profissão ou religião. É preciso destacar que as mulheres, mães, professoras e cientistas não precisam ser consideradas heroínas e nem permitir que ninguém exija heroísmo das mesmas para comprovar que são competentes.

Referências

ARRUDA, Angela. Feminismo, gênero e representações sociais. **Revista do Programa de Pós-graduação em História Da UnB.**, 8(1-2), 113–138, 2012. Recuperado de <https://periodicos.unb.br/index.php/textos/article/view/27805>. Acesso em: 11 mar. 2023.

CASARIN, Helen de Castro Silva; CASARIN, Samuel José. **Pesquisa científica: da teoria à prática**. Curitiba: Intersaberes, 2012. 200 p.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Edição revista e ampliada. São Paulo: Edições 70 Brasil; [1977] 2016.

BELTRÃO, Kaizô Iwakami.; ALVES, José Eustáquio Diniz. A reversão do hiato de gênero na educação brasileira no século XX. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, v. 39, n. 136, jan./abr. 2009. p. 125-156.

BERTONI, Luci Mara; GALINKIN, Ana Lúcia..Teoria e métodos em representações sociais. In: MORORÓ, L. P.; COUTO, M. E. S.; ASSIS, R. A. M., orgs. **Notas teórico-metodológicas de pesquisas em educação: concepções e trajetórias**. Ilhéus, BA: EDITUS, 2017, pp. 101-122.

CARLONE, Heidi B.; JOHNSON, Angela; SCOTT, Catherine M. Agency amidst formidable structures: How girls perform gender in science class. **Journal of Research in Science Teaching**, 52, 474-488, 2015. DOI: <https://doi.org/10.1002/tea.21224>. Acesso em 10 out. 2022.

CHASSOT, Attico. **A Ciência É Masculina? É, sim senhora!** Ijuí: Editora Unijuí. Ano 1 9- N° 71/72-Jan. / Dez. 2004.

CORDEIRO, Marinês Domingues. Reflexões da história do patriarcado para esses tempos de pós-verdade. **Caderno Brasileiro de Ensino de Física**, 37(3), 1374-1403, 2020. DOI: <https://doi.org/10.5007/2175-7941.2020v37n3p1374>. Acesso em: 08 ago. 2022.

CORDEIRO, Marinês Domingues; PEDUZZI, Luiz Orlando de Quadro.. As conferências Nobel de Marie e Pierre Curie: a gênese da radioatividade no ensino. **Caderno Brasileiro de Ensino de Física**, 27(3), 473-514, 2010. DOI: <https://doi.org/10.5007/2175-7941.2010v27n3p473>. Acesso em: 08 ago. 2022.

COUTINHO, Maria da Penha de Lima; BÚ, Emerson do. A técnica de associação livre de palavras sobre o prisma do software tri-deux-mots (version 5.2). **Rev. Campo Saber**. Volume 3-Número 1-jan/jun de 2017.

EL JAMAL, Natasha Obeid; GUERRA, Andreia. O lado invisível na história da ciência: uma revisão bibliográfica sob perspectivas feministas para a educação científica. **Revista Debates em Ensino de Química**, v. 6, n. 2, p. 311–333, 2021. Disponível em: <https://www.journals.ufrpe.br/index.php/REDEQUIM/article/view/3639>. Acesso em: 11 out. 2022.

EL JAMAL, Natasha Obeid; GUERRA, Andreia. O caso Marie Curie pela lente da história cultural da ciência: discutindo relações entre mulheres, ciência e patriarcado na educação em ciências. **Ensaio- Pesquisa em Educação e Ciências**. Belo Horizonte, v.24, 2022. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/epec/a/xWGSTWrTb5GmwtryZj4Rjzm/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 11 out. 2022.

ESTÉBANEZ, Maria Elina. La mujer y la ciencia iberoamericana. In: BIELLI, A. *et al.* **Proyecto Iberoamericano de Ciencia, Tecnología y Género** – GENTEC – UNESCO. 2004. p. 1-39.

FÉLIX, Santana Taciana Mariz; CIRINO, Maria Reilta Dantas; MEDEIROS, Shirlene Santos Mafra. A luta por reconhecimento da mulher-pesquisadora na filosofia e na ciência. **Problemata: R. Intern. Fil.** V. 11. n. 3, 2020. DOI: <https://periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/problemata/article/view/53957>. Disponível em:

<https://periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/problemata/article/view/53957>. Acesso em 23 ago. 2024.

FOUCAULT, Michel. **Uma trajetória filosófica: para além do estruturalismo e da hermenêutica**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995. P. 231-249.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. 22. ed. Rio de Janeiro: Graal, 2006.

FRASER, Nancy. **Igualdade, identidades e justiça social**. Disponível em: <https://diplomatique.org.br/igualdade-identidades-e-justica-social/>, 2012. Acesso em: 11 mar. 2023

FREITAS, Vera Lúcia Chalegre de; MOREIRA, Ramon Missias; SALES, Zenilda Nogueira; Dimensões das Representações Sociais do PIBID em Garanhuns-PE. In: **Representações Sociais, Educação e Saúde: um enfoque multidisciplinar**. Valença, Tatiane Dias Casimiro (org.). Curitiba: CRV, 2017.

GUEDES, Moema de Castro. A presença feminina nos cursos universitários e nas pós-graduações: desconstruindo a idéia da universidade como espaço masculino. **História, Ciências, Saúde – Manguinhos**, Rio de Janeiro. v.15, suplemento, p.117-132, jun. 2008. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0104-59702008000500006>. Acesso em: 09 ago. 2022.

HARDING, Sandra G. Gender, Democracy, and philosophy of science. **The Pantaneto Forum**. n. 38. 2010. Disponível em: <http://www.pantaneto.co.uk/issue38/harding.htm>. Acesso em: 09 ago. 2022.

HARDING, Sandra. G. **Objectivity and Diversity: Another Logic of Scientific Research**. Chicago: The University of Chicago Press, 2015.

HARAWAY, Donna. Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. **Cadernos Pagu**, Campinas/SP, n. 5, p. 7-41, 1995. Disponível em: <https://ieg.ufsc.br/storage/articles/October2020/31102009-083336haraway.pdf>. Acesso em: 12 mar. 2023

HEERDT, Bettina; BATISTA, Irinéa de Lourdes. Representações sociais de ciência e gênero no ensino de ciências. **Práxis Educativa**, Universidade Estadual de Ponta Grossa, v. 12, n. 3, pp. 995-1012, 2017. DOI: <https://doi.org/10.5212/PraxEduc.v.12i3.017>. Acesso em: 08 out. 2022.

HODSON, Derek. Science education as a call to action. *Canadian Journal of Science, Mathematics and Technology Education*, 10(3), 197-206, 2010. <https://doi.org/10.1080/14926156.2010.504478>.

INEP. Censo da Educação Superior: 2022 – **Resumo Técnico**. Brasília: INEP, 2022. Disponível em: https://download.inep.gov.br/publicacoes/institucionais/estatisticas_e_indicadores/notas_estatisticas_censo_da_educacao_superior_2020.pdf. Acesso em: 12 mar. 2023.

KOVALESKI, Nadia Veronique Jourda.; TORTATO, Cíntia de Souza Batista; CARVALHO, Marília Gomes D. As relações de gênero na História das Ciências: A participação feminina no Progresso Científico e Tecnológico. **Revista Emancipação**, Ponta Grossa, 13, nº Especial: 9-26, 2013. DOI: 10.5212/Emancipacao.v.13iEspecial.0001. Acesso em: 07 fev. 2023.

LOURO, Guacira Lopes. Gênero e sexualidade: pedagogias contemporâneas. **Pro-Posições**, Campinas, v. 19, n. 2, p. 17-23, maio/ago. 2008. DOI: 10.1590/s0103-73072008000200003. Acesso em: 12 nov. 2022.

LOURO, Guacira. Lopes. **Gênero, sexualidade e educação**: Uma perspectiva pós-estruturalista. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.

LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli Eliza Dalmazo Afonso de. **Pesquisa em educação**: abordagens qualitativas. 2ª edição. Rio de Janeiro: E.P.U., 2014.

MOSCOVICI, Serge. **Representações sociais**: investigações em psicologia social. 3.ed. Petrópolis: Vozes, 2005.

MOSCOVICI, Serge. **A psicanálise, sua imagem e seu público**. Petrópolis: Vozes, 2012.

MOTTA, Alinne Bonneti da. Feminismo, gerontologia e mulheres idosas. In: BONNETI, A.;

MOREIRA, J. da S.; MIRANDA, E. O. Teoria das representações sociais: a emergência epistemológica para a educação. **EDUCA-Revista Multidisciplinar em Educação**, [S. l.], v. 6, n. 15, p. 98–113, 2019. DOI: 10.26568/2359-2087.2019.3562. Disponível em: <https://periodicos.unir.br/index.php/EDUCA/article/view/3562>. Acesso em: 9 abr. 2023.

PERROT, Michelle. Les intellectuelles dans les limbes du XIX siècle. In: RACINE, Nicole;

PINTO, Érica Jaqueline Soares; AMORIM, Valquíria Gila de; DE CARVALHO, Maria Eulina Pessoa. Entre discriminação explícita e velada: Experiências de alunas de física na educação superior. **Diversidade e Educação**, [S. l.], v. 4, n. 8, p. 13–32, 2017. Disponível em: <https://periodicos.furg.br/divedu/article/view/6737>. Acesso em: 09 fev. 2023.

Projeto Pedagógico do Curso Bacharelado Interdisciplinar em Ciências. Disponível em: https://ufsb.edu.br/cfdt/images/Gradua%C3%A7%C3%A3o/BI_Ci%C3%A4ncias/Apresenta%C3%A7%C3%A3o_do_curso/PPC-BI-Ci%C3%A4ncias.pdf. Acesso em: 01 jul. 2022.

PRIORE, Mary Lucy Murray Del. História das mulheres: As vozes do silêncio.

Historiografia brasileira em perspectiva. São Paulo: Contexto, 1998.

SAFFIOTI, Heleieth Iara Bongiovani. **A mulher na sociedade de classes**: mito e realidade. Petrópolis: Vozes, 1976.

SAFFIOTI, Heleieth Iara Bongiovani. **Gênero, Patriarcado, Violência**. 2.ed. São Paulo: Expressão Popular: Fundação Perseu Abramo, 2015.

SARTORI, Eric. **Histoire des femmes scientifiques: de l'Antiquité au XX siècle**. Paris: Plon, 2006.

SCHIEBINGER, Londa. **The Mind Has no Sex? Women in the Origins of Modern Science**. Cambridge: Harvard University Press, 2001.

SCHIEBINGER, Londa. **O Feminismo Mudou a Ciência?** Bauru, SP: Editora da Universidade Sagrado Coração, 2001.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 71-99, jul./dez. 1995.

SILVA, Tomaz Tadeu da. (Org.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais**. 4. ed. Petrópolis/RJ: Vozes, 2005. p. 7-72

SOUZA, Ângela Maria Freire de Lima e. (Org.). **Gênero, mulheres e feminismos**. Salvador: EDUEF/NEIM, 2011, p. 71-92. (Coleção Bahianas, 14).

VELHO, Léa; **Ciência, Tecnologia e Gênero: Desvelando o feminino na construção do conhecimento**, ed. 1, IAPAR, pp. 6, pp.13-18, 2006.

VIENNOT, Eliane. Les intellectuelles de la Renaissance: enjeux et conflits d'une émergence. In: RACINE, Nicole; TREBITSCH, Michel. **Intellectuelles: du genre en histoire des intellectuels**. Paris: Complexe, 2004.

SILVA, Paulo R. Vasconcellos; ARAUJO-JORGE, Tania Cremonini de. Análise de conteúdo por meio de nuvem de palavras de postagens em comunidades virtuais: novas perspectivas e resultados preliminares. **Investigação Qualitativa em Saúde**. Investigación Cualitativa en Salud. Volume 2, 2019.

TABAK, Fanny. Estudos substantivos sobre mulher e ciências no Brasil. In: COSTA, A. A.

UFSB. **Projeto Pedagógico de Curso Bacharelado Interdisciplinar em Ciências**. Universidade Federal do Sul da Bahia. Campus Universitário Jorge Amado. Instituto de Humanidades, Artes e Ciências. Itabuna – Bahia, 2016.

UNESCO. **Dia Internacional de Mulheres e Meninas na Ciência**, fev. 2023. Disponível em: <https://www.unesco.org/pt/days/women-girls-science>. Acesso em: 12 mar. 2023.